

O REPÓRTER

CURSO DE JORNALISMO UNAERP

2º SEMESTRE 2018 EDIÇÃO 4



FUTSAL DE RIBEIRÃO NA SELEÇÃO BRASILEIRA

Aluno do Egydio Pedreschi é destaque nacional. A escola também é a primeira do Brasil a ter uma menina no time | pg. 13

MAIS ECONOMIA, SEM DESPERDÍCIO



Brasil é campeão em desperdício de alimentos, mas situação está mudando no Presidente Médici | pg. 3

A PRAÇA É NOSSA RESPONSABILIDADE



Mato alto, falta de iluminação e criminalidade foram resolvidos por Ana e Maria Inês | pg. 10

MULHERES EM RISCO

Casos de assédio sexual assustam jovens na Ribeirânia e Nova Ribeirânia | pg. 10

MEDO ATRAPALHA SAÚDE PÚBLICA

Agentes de combate a endemias têm dificuldade para conseguir visitar casas na Ribeirânia | pg. 9

TRADIÇÃO E AMIZADE

Com música e dança, o Clube da Velha Guarda reúne todas as idades | pg. 15

AS BODAS DE PÉROLA DOS ANOS DE CHUMBO

CAIO CANDUZ

● Moradores do Jd. Presidente Médici não conhecem a história da ditadura

Entre vinte moradores do Jardim Presidente Médici, somente oito conhecem a história do militar que dá nome ao bairro. Quando descobriram, 80% julgou a homenagem injusta. Entre estes, no entanto, apenas 25% deixariam o bairro por conta disso. A maioria, que mora na região há décadas e julga o local seguro, nada faria. Os moradores ouvidos pela reportagem tinham entre 30 a 50 anos, mas também havia idosos.

Terceiro presidente da ditadura militar, Emilio Garrastazu Médici governou entre 1968 e 1974, período

apelidado de Anos de Chumbo, devido ao uso excessivo de violência para reprimir opositores.

O Jardim Presidente Médici não é o único local a homenagear ditadores. Diversos municípios e vias públicas do país fazem o mesmo, como a avenida Presidente Castelo Branco, que forma a Marginal Tietê, em São Paulo. Castelo Branco foi o primeiro presidente da ditadura e um dos articuladores do golpe.

Batizar vias públicas em homenagem a personalidades históricas é importante, diz o mestre em História Social pela Unesp, Rodrigo de An-

drade Calsani. “Precisamos pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”, explica, parafraseando o pensador grego Heródoto. No entanto, algumas homenagens consideradas injustas podem passar por alterações. A exemplo, o professor cita o elevado Costa e Silva, de São Paulo, popularmente conhecido como Minhocão, que teve o nome alterado para elevado João Goulart. Costa e Silva foi o segundo presidente da ditadura militar. João Goulart foi o presidente eleito democraticamente, mas deposto pelo novo regime enquanto estava viajando pela China.

RESPONSABILIDADE SOCIAL EM RIBEIRÃO PRETO

GABRIEL TODARO

● Projetos sociais são benéficos

Responsabilidade Social Empresarial (SER) é a ação de empresas para ajudar a diminuir problemas ambientais, sociais e econômicos. Na Ribeirânia, instituições como a Unaerp, o escritório de advocacia Brasil Salomão & Matthes e a Magnus Pet investem em projetos sociais, como na equipe de futsal down da escola municipal Egydio Pedreschi.

“O índice nacional vem crescendo nos últimos anos, mas em Ribeirão Preto ainda é bem tímido”, avalia o assistente social João Gabriel Manzi. O investimento social no Brasil em 2016 foi de R\$ 2,9 bilhões, segundo a pesquisa da Censo GIFE. Esse investimento tem retorno junto ao público. Para a professora e assistente social Leny Paschoal, “a empresa ganha reputação e valor no mercado e tem mais competitividade; é o chamado de valor intangível”.

Para os gestores, apostar em projetos sociais é oferecer igualdade de oportunidades dentro e fora da empresa. “Isso colabora para que a empresa efetive sua função social, conforme previsto na Constituição Federal. Para a empresa, há uma série de benefícios e isenções fiscais. Para os colaboradores, é um diferencial que os fideliza à empresa, o que melhora a produtividade”, explica o assistente social.

Um programa de responsabilidade social pode desenvolver atividades criativas, como incorporação dos conceitos à missão da empresa, divulgação desses conceitos entre os funcionários e prestadores de serviço, estabelecimento de princípios ambientalistas, como uso de materiais reciclados, e a promoção da diversidade no local de trabalho, entre outros.

EXPEDIENTE O REPORTER

O Jornal Comunitário “O REPÓRTER” é uma publicação do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. Realizado como atividade prática laboratorial das disciplinas Produção e Edição em Jornalismo II e Design Gráfico II, ministradas na 4ª etapa do curso, o Boletim tem como proposta editorial o jornalismo comunitário de bairro, sendo dirigido à Ribeirânia, Nova Ribeirânia e Jardim Iguatemi.

UNAERP – UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – Reitora Prof.ª Elmara Lucia de Oliveira Bonini

CURSO DE JORNALISMO – Coordenador Prof. Geraldo José Santiago

EDIÇÃO – Prof.ª Elivanete Zuppolini Barbi – MTB 12.709

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA – Prof. João Flávio de Almeida

Assistente de revisão – Pedro Martins

Secretária de edição – Mariana Carvalho

REPORTAGEM E FOTOGRAFIA

- Ana C. J. Martins	- Letícia Pane
- Andrielly Ferro	- Lívia Benevides
- Beatriz Rossi	- Luan Porto
- Caio Canduz	- Luíza Foster
- Eduarda Antiorio	- Melissa Gouveia
- Fábio Palaveri	- Paula Viana
- France Junior	- Roni Barufaldi
- Gabriel Todaro	- Stéphane Teles
- Giulia Giuntini	- Thamires Ferreira
- Guilherme Pitta	- Thalles Gregório
- JV Pitol	- Thomas Cavalcanti
- José Piutti	- Vinícius Bis
- Júlia Maulim	- Vinícius Pinto
- Letícia Botelho	- Vitor Takatu

SOLUÇÃO CONTRA A PERDA DE ALIMENTOS

ANDRIELLY FERRO

● Comércio da zona leste reinventa modo de compra, reduz perdas e agrada clientes



Um hortifrúti no Jardim Presidente Médici encontrou uma solução para diminuir o desperdício dos alimentos. O estabelecimento já funciona há três anos no bairro, mas recentemente passou a ser administrado por Edson de Jesus, irmão da proprietária. Desde então, as perdas caíram de 60% para 10%. A nova gestão do negócio permite que os clientes comprem produtos sempre frescos e reduz em 50% os prejuízos anuais.

“O desperdício era muito grande porque compravam sacas altas de alimentos que, na realidade, não eram utilizados em tal quantidade. Batata, por exemplo, comprava-se 150 quilos na segunda para durar até domingo. No meio da semana, ela já estava feia e o cliente não levava. Eu fiz uma planilha com tudo o que era vendido e em quais quantidades. A partir disso, as compras passaram a ser diárias ou três vezes por semana. O resultado é um produto fresco, bonito, cliente contente e menos prejuízo. Todo mundo sai ganhando”, explica o empresário.

No ano passado, os supermercados brasileiros desperdiçaram o equivalente a 3,9 bilhões de reais em frutas, legumes, verduras e produtos de padaria, peixaria e açougue. O levantamento da Associação Brasileira de Supermercados considera dados de 2.335 estabelecimentos do país. Só em produtos de hortifrúti, o desperdício atingiu 1,8 bilhão de reais,

quase 600 mil a mais do que em 2014.

A Ceagesp - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, uma empresa estatal de abastecimento, recebe produtos de 1.500 municípios. Em todo o estado, são comercializadas de 10 a 12 mil toneladas de alimentos por dia, das quais a perda diária é estimada em 1,3%. Em Ribeirão Preto, o volume médio mensal de comercialização é de 20 mil toneladas e, segundo o gerente da unidade, Alan Gatti, as perdas, também mensais, representam 1,1%.

Alternativa - Outra atitude adotada por Edson funciona como uma espécie de promoção e facilita a vida do consumidor. “As frutas e verduras mais maduras vão pra outro setor do hortifrúti com preço mais barato. Dar um valor acessível diminui as chances de o alimento ser desprezado e jogado fora”, comenta.

A Ceagesp de Ribeirão também dispõe de um recurso no combate ao desperdício. A unidade representa um dos onze entrepostos do interior que oferecem o Banco Ceagesp de Alimentos (BCA). Criado em 2003 e ligado à Coordenadoria de Sustentabilidade (CODSU), o projeto tem como principal objetivo receber, selecionar e distribuir excedentes da comercialização atacadista. Esses alimentos, vindos de produtores e comerciantes locais, por razões variadas, estão fora do pa-

drão para a comercialização, mas são adequados ao consumo humano e, portanto, são distribuídos para entidades do Estado de São Paulo.

“Não interferimos na compra e venda dos alimentos, mas recebemos alguns em nosso Banco de Alimentos. Depois, separamos e doamos para 84 instituições cadastradas. Os descartes do BCA, impróprios para o consumo, são transformados em adubo orgânico por meio de compostagem”, explica o gerente da Ceagesp.

Entre os principais problemas que levam os alimentos para o lixo, o engenheiro agrônomo Fábio Porto destaca os danos mecânicos na colheita e na pós-colheita. A explicação vai ao encontro de um levantamento feito pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura sobre desperdício de alimentos. Segundo o estudo, 54% da perda de alimentos no mundo ocorrem na fase de manipulação póscolheita e armazenagem.

“Os processos de embalagem e manuseio são decisivos. Alguns alimentos precisam ser transportados sob refrigeração e, quando chegam ao destino final, levam choque de temperatura. Isso acelera seu metabolismo e gera a perda de qualidade”, completa o engenheiro.

ECONOMIA EM MOVIMENTO

GIULIA GIUNTINI

● Poupatempo comemora 21 anos e agita o Novo Shopping

“Muitas pessoas vêm até o shopping para fazer documentos, mas sempre dão uma voltinha pelas lojas”, diz Renata Junqueira Seixas, de 39 anos, que possui uma loja de roupas próxima ao Poupatempo. Para ela, o órgão público é um ponto positivo para seu comércio, pois acredita que o fluxo alto de pessoas que frequentam o Novo Shopping por conta do Poupatempo aumenta suas vendas.

O serviço tem 100% de aprovação na cidade. Inaugurado em 5 de dezembro de 2003, o Poupatempo de Ribeirão Preto realiza quatro mil atendimentos por dia. Hoje, já prestou mais de 25 milhões de serviços aos moradores da região.

Maria Teresa Casanova, de 54 anos, moradora de Sertãozinho, veio até Ribeirão Preto para licenciar seu veículo e admite que, além de atualizar o documento, aproveitou para dar uma passeada pelo shopping. “Aqui em Ribeirão é muito mais fácil realizar serviços burocráticos como esse. A agilidade e organização do atendimento é algo que eu levo em conta para vir até aqui. Posso resolver diversos assuntos em um só lugar.

Aproveito também para dar aquela ‘fugidinha’ do marido e cuidar do visual”, brinca.

Serviços variados – A alta procura de usuários é motivada pela quantidade e variedade de serviços prestados. Maria Regina Borelli, assistente de atendimento do Poupatempo há 15 anos e uma das 356 funcionárias do local, afirma que o programa inova a cada ano e traz cada vez mais benefícios para a população. De acordo com

ela, os serviços mais procurados são os de emissão de carteira de identidade e a de trabalho, licenciamento de veículos, atestado de antecedentes criminais e início do processo da CNH.

Além desses serviços mais conhecidos, o Poupatempo tem a Secretaria do Emprego, que conta com o Time do Emprego, um programa com oficinas para recolocação da população no mercado de trabalho. De acordo com a funcionária do Poupatempo, 70% das pessoas que participam do programa são recolocadas no mercado.

No dia 20 de outubro, o Poupatempo completou 21 anos. O maior programa de desburocratização da história do Brasil foi criado em 1997 pelo ex-governador do Estado de São Paulo, Mario Covas. A iniciativa é atender a todos os cidadãos, sem distinção, em um mesmo espaço, com eficiência e cortesia.

A primeira unidade do Poupatempo foi em São Paulo. Hoje, o programa tem 72 unidades espalhadas pelo estado, como em Araraquara, Barretos e Bebedouro, no interior paulista.



APAE PRECISA DE AJUDA

JV PITOL

● A Instituição possui um déficit mensal que gira em torno de 150 mil reais

A APAE, que há 53 anos oferece atendimento a pessoas com deficiência intelectual e múltipla, está em crise. A instituição tem déficit mensal de aproximadamente 150 mil reais, e o custo médio de um assistido chega a 1.300 reais por mês.

A Instituição trabalha arduamente para manter seus serviços. “Temos uma dívida muito grande com passivo trabalhista, ou seja, indivíduos que se desligaram da Instituição e ainda não conseguimos fazer os acordos”, explica a diretora técnica escolar, Elaine Gomes.

São realizados, em média, cinco mil atendimentos por mês somente na área da saúde. A instituição também oferece serviços de assistência social e educação, como aulas regulares e oficinas em que os alunos desenvolvem atividades que fortalecem sua autonomia.



Parte do custeio, 49%, vem de parcerias municipais, estaduais e nacionais, mas o restante precisa ser angariado em doações e eventos beneficentes. Ainda assim, é insuficiente para fechar as contas.

A APAE recebe novos assistidos somente por encaminhamento, já que possui parcerias com órgãos públicos. No caso da saúde, as crianças têm que passar por uma UBDS para o médico

detectar que precisam da Instituição. O mesmo ocorre com a educação.

Localizada na rua Coracy de Toledo Piza, 521, a Associação é responsabilidade do município e precisa manter o recolhimento do FGTS e INSS em dia. Na Entidade, portadores de necessidades especiais encontram todos os serviços que precisam em um só lugar, facilitando o acesso e o acompanhamento das famílias.

A PRIMEIRA FEIRA NOTURNA DE RIBEIRÃO PRETO FUNCIONA NO IGUATEMI

GUILHERME PITTA

● Há 20 anos, feira de rua oferece facilidade e bem-estar aos moradores da região



A primeira feira livre noturna de Ribeirão Preto ainda está em atividade. Fica no Presidente Médici, na rua Marino Paterlini, no quarteirão entre as ruas Valentim Mestriner e Teresa Tossani Livrini. Todas as terças-feiras, das 16 às 21h, aproximadamente quinze comerciantes montam suas barracas e atendem os fregueses.

Na feira, tem de tudo: frutas e legumes, barraca especializada em pro-

dutoz feitos de milho, barraca de pastel e também aquela tradicional perua moendo cana e produzindo garapa.

Frequentada por moradores do bairro, a feira tem um público cativo. “Depois de tanto tempo de existência, toda semana chega um cliente que eu ainda não conhecia”, diz Sílvia (Kim), descendente de japoneses que mantém a tradição da família com a barraca de pastel.

O comércio de Kim existe desde o início da feira, em 1998. A mãe e o pai de Kim administravam o estabelecimento, mas agora ela toma conta. A feirante que frequenta o local desde criança afirma que a feira é passada de geração para geração: “Eu vejo adultos que frequentam a feira hoje e vinham, quando crianças, acompanhados pelos pais. É uma cultura.”

Josias Bento, que participa com sua barraca de pães e bolos caseiros há 11 anos, diz que na feira o público varia muito, com todas faixas de idade. O comerciante prefere a noite por conta da temperatura amena.

Moradora do bairro e frequentadora assídua da feira há 16 anos, Eliana Ferreira diz que o horário é perfeito, e o clima, melhor. “Dá para chegar do trabalho e pegar uma comida fresca. Também é bom para ver os amigos e bater um papo.”

NOVA SEDE DO SINPOL NA RIBEIRÂNIA

LETÍCIA BOTELHO

● Projeto está em acabamento e deve melhorar a segurança no bairro

A construção da nova sede do Sindicato dos Policiais Civis (Sinpol) na avenida Francisco Massaro Farinha, esquina com a Rua Pedro Pegoraro, na Ribeirânia, está em fase final. O projeto está sendo realizado desde março de 2012 e tem previsão de inauguração em dezembro.

O diretor de patrimônio do Sinpol, Arnaldo Vaz Ferreira, conta que, além do prédio passar certa segurança para o bairro, vai ser um local para lazer. “Temos um salão próprio para eventos, onde as pessoas poderão se divertir sem preocupação, pois nos dias de eventos teremos dois seguranças: um na frente e outro no fundo do sindicato.”

Como a construção atrasou, devido a imprevistos, os moradores da rua Pedro Pegoraro tiveram que conviver

um bom tempo com um local vazio e perigoso. Com a finalização do projeto, a paz voltará. Célia Aparecida Pensionato, moradora do bairro há 32 anos, diz estar contente com a finalização da obra. “Eu acho ótimo, porque tenho estudantes aqui, e antes era um lugar escuro, e agora, com a iluminação, terá mais movimento. Na minha opinião, isso traz certa segurança para todos.”

Ela conta que o bairro sempre foi muito calmo, mas nos últimos tempos estão acontecendo vários assaltos, principalmente à noite. “Eu mesma já fui assaltada. Agora pago segurança privada, mas ainda tenho medo”. A moradora afirma que, por ser um sindicato de policiais, a circulação de civis no local traz alívio.



ENTRE AS CASAS, TEM UM BAR

LETÍCIA PANE

● Barulho e sujeira incomodam moradores do Iguatemi e acionam a Prefeitura



O desentendimento entre moradores e bares universitários no Jardim Iguatemi é antigo. Os moradores reclamam da sujeira deixada pelos estudantes do bar Copo Sujo e, principalmente, do som alto até tarde da noite. A Prefeitura foi acionada várias vezes, mas o problema persiste.

Segundo o setor de fiscalização municipal, agentes solicitaram o Alvará de Licença e Localização e exigiram a adequação das mesas e cadeiras dispostas na calçada do

bar. Contudo, a lei não permite que eles tomem providências em relação aos frequentadores que ficam no meio da rua.

Uma moradora do bairro que prefere não se identificar conta que, além do movimento do bar atrapalhar o trânsito, os clientes são desrespeitosos. Os carros também atrapalham a pizzaria Verace, vizinha do bar. Devido ao grande fluxo, muitos clientes da pizzaria desistem de entrar.

Outro comércio vizinho é a tabacaria Oásis. O proprietário, João Alves Correa, nunca teve conflito com os donos do bar, mas com alguns estudantes. Para ele, o movimento do bar atrai clientes para a tabacaria. “O problema surge quando eles começam a bagunçar.”

Mirian Coelho, proprietária do Copo Sujo, explica que a Prefeitura restringiu o funcionamento até às 22h. Ela diz que o Copo Sujo tem uma boa relação com os comércios e a vizinhança. “O problema é quando vem outro tipo de cliente, que não é estudante, e coloca som alto no carro.”

Sujeira - Os comerciantes vizinhos dizem que os proprietários do bar recolhem a sujeira deixada pelos estudantes. Mas a moradora diz o contrário. Ela conta que o que mais a incomoda são “os copos descartáveis jogados na rua que entopem o bueiro e os frequentadores que urinam na porta de casa”.

Mirian diz que o Copo Sujo leva a fama de tudo que acontece na rua. “Às vezes, o bar está fechado, e os estudantes pegam bebida e vem aqui porque virou o ponto de encontro deles”.

CONFLITO NOS CONDOMÍNIOS

STÉPHANE TELES

● A convivência difícil entre estudantes e famílias nos residenciais

A princípio, morar em condomínio pode parecer uma ótima ideia no que diz respeito à segurança e comodidade. O maior obstáculo surge a partir do convívio. Na Ribeirânia, é maior a demanda de moradores universitários, que criam conflito com moradores antigos que residem com familiares.

Próximo à Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), está o condomínio Villas d’Spanha. O síndico Mauricio Persico conta que o maior conflito é o excesso de barulho, e o condomínio precisa interferir em prol do bem-estar dos outros moradores. “A maioria é compreensiva, mas sempre que há necessidade de repreensão usamos o estatuto do condomínio”, explica.

O condomínio recebe bastante

universitários desde sua inauguração, mas o síndico afirma que, “apesar de 70% dos moradores serem universitários, o número de famílias está crescendo”.

Som alto - O estudante de Direito Vinicius Barbosa, morador do Villas d’Spanha, já dividiu um apartamento com amigos no início da faculdade, mas com o passar do tempo decidiu morar sozinho, ainda que no mesmo condomínio. “No período que dividia, era um pouco mais difícil, pois sempre vinham mais pessoas para o apartamento e chegamos a tomar algumas advertências”, relembra. Com isso, o universitário entendeu que as reclamações tinham fundamento e decidiu morar sozinho, o que me-

lhorou seu desempenho acadêmico. “Comecei a trabalhar e precisava da noite para estudar. Quando dividia, não dava, pois sempre tinha gente no apartamento à noite.”

O zelador do condomínio, João Davi da Silva, diz que as regras são as mesmas para os dois públicos, universitários e famílias. Primeiro, ele tenta mediar o conflito. Na persistência do problema, é preciso punir. Ele exemplifica situações que causam incomodo: “Quando eles chegam tarde, bebendo e ligando som alto, acordando os outros depois do horário permitido”. Ele ressalta que a represália não é contra os universitários, mas contra suas atitudes.

LIXO, FALTA DE ILUMINAÇÃO E INSETOS

THAMIRES FERREIRA

● Terreno abandonado é problema para pedestres na rua Pedro Pegoraro



A área externa do terreno onde funcionava a loja de materiais de construção Telhanorte, na avenida Leão XIII, esquina com a rua Pedro Pegoraro, está sendo tomada pelo lixo e por insetos. Além disso, feirões de carros e eventos gastronômicos realizados no local deixam resíduos que podem atrair animais peçonhentos e criadouros de *Aedes aegypti*.

De acordo com Edson Galan Miele, da coordenadoria de Limpeza Urbana de Ribeirão Preto, o descarte de lixo em áreas irregulares é um problema frequente que não tem resolução definitiva. “Hoje, temos 13 pontos fixos de descarte irregular em Ribeirão, que

chamamos de pontos viciados. Fiscalizamos frequentemente, mas o problema persiste por falta de compreensão dos cidadãos.”

Proprietário punido – Miele diz que a limpeza de locais privados, como é a área da Telhanorte, depende do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Comdema). “A coordenadoria não tem poder de atuação para receber denúncias ou executar leis. Ela somente faz a limpeza dos resíduos, através de caçambas sociais e equipes de remoção”, explica.

A reportagem não conseguiu apurar se o local ainda pertence ao grupo

Telhanorte, mas a Secretaria do Meio Ambiente informa que o proprietário precisa manter o local limpo. “Consideramos o mal que a poluição pode causar aos moradores da região”, diz.

O Código Municipal do Meio Ambiente imputa responsabilidade aos donos dos terrenos e imóveis. Para fazer cumprir esse código, o Comdema apura as denúncias, faz vistorias técnicas, analisa dados e verifica a gravidade das infrações para determinar as penalidades dos responsáveis.

Prejuízo aos moradores – O terreno da antiga loja é rodeado de casas, prédios e pela Unaerp. Ana Carolina Lins, moradora de um prédio ao lado da área abandonada, diz que tem sido um transtorno residir na região: “Quase sempre tem eventos ali, e o lixo sempre fica para trás. Em frente ao estacionamento da loja, tem um ponto de ônibus, em que os usuários sofrem.”

Além do lixo, a falta de iluminação torna difícil passar pelo local à noite. “As mulheres não têm como passar por ali sem sentir medo. A insegurança é inevitável e, infelizmente, desde o fechamento da loja há dois anos, ninguém tomou providências para resolver a questão”, reclama a moradora.

COMÉRCIO ENTRE RESIDÊNCIAS

THOMAZ CAVALCANTI

● Comerciantes e moradores contam suas experiências como vizinhos

O bairro Nova Ribeirânia foi fundado em 1954 e inicialmente planejado para ser residencial. Mas o número de estabelecimentos comerciais na região vêm aumentando, o que faz com que pontos comerciais funcionem entre as residências. Abrir um comércio na região, situação antes proibida, deixou de ser pautada pela lei a partir de 1996 e agora depende da decisão de uma comissão da prefeitura.

Guilherme Bertoni é morador e comerciante em uma loja de chinelos na avenida Costábile Romano. Ele afirma não ter tido dificuldade ao abrir sua loja e vê vantagens no crescimento dos comércios na região, pois tem acesso a serviços sem precisar ir longe de casa.

Paula Parreira é gerente de um hotel para animais de estimação na avenida Costábile Romano e conta que enfrentou problemas para abrir o comércio na região, pois precisava de uma aprovação da prefeitura, já que

o barulho dos animais incomoda os moradores.

Sobre as vantagens de ter um comércio em uma região residencial, Paula afirma que “foca no público em que estou procurando, da região”.



MULHERES VIOLADAS

MELISSA GOUVEIA

● Estudantes que transitam na zona leste relatam casos de assédio



Cerca de três casos de assédio sexual foram registrados no primeiro semestre de 2018 na Ribeirânia e Nova Ribeirânia. A queixa por parte das mulheres acontece diariamente, devido aos comentários desagradáveis e cantadas inoportunas feitas por homens que transitam na região. As reclamações são, na maioria das vezes, feitas pelas estudantes que moram no bairro e/ou frequentam bares universitários da região. Elas

cobram mais segurança e policiamento nos bairros.

O período entre abril e agosto foi o ápice dos casos nas imediações da rua Arnaldo Victaliano. Os relatos indicam que motoristas homens paravam e abordavam as moças. Ao serem chamadas, deparavam-se com assediadores expondo a parte íntima e dizendo expressões ofensivas. Em um dos casos, o homem estava se masturbando dentro do carro. Apesar das queixas,

nenhuma fez boletim de ocorrência.

Um caso semelhante aconteceu com I.B., de 20 anos. Moradora da Ribeirânia, ela relata que, certo dia, durante uma conversa que acontecia na porta da casa de uma amiga junto com outras colegas, começou uma grande movimentação de carros na rua, e um em específico a incomodou. O homem dentro do carro passou pelas garotas assediando-as e, mesmo ao perceber que as meninas o encaravam com desdém e receio, deu a volta no quarteirão e passou em frente ao local novamente, repetindo a atitude.

O 51º Batalhão da Polícia Militar, que faz o policiamento da região, afirma que o patrulhamento continua rotineiro e que não houve nenhuma denúncia relacionada a assédio na zona leste. Por isso, o objetivo principal é trabalhar contra o furto de carros e de quem circula pela região.

70% DOS MORADORES DA RIBEIRÂNIA NÃO SE SENTEM SEGUROS

VITOR TAKATU

● A falta de policiamento os faz procurar condomínios fechados

Já imaginou não se sentir seguro dentro de sua própria casa? Este é o problema que muitos moradores da Ribeirânia têm. O nível de criminalidade subiu tanto que foi difícil para reportagem entrevistar os moradores, mesmo em plena luz do dia. O repórter fez uma única pergunta para 70 pessoas no bairro: você se sente seguro?

A resposta de 42 pessoas foi um majoritário não. Quinze disseram sim, e três não souberam responder. Os dados da Polícia Militar, por outro lado, dizem o contrário. O número de roubos na Ribeirânia não passa nem perto dos registrados em outros bairros da cidade.

Uma moradora que prefere não ser identificada não compreende o policiamento baixo e o alto número de roubos. Ela mora no bairro há mais de vinte anos e conta casos de vizinhas

que tiveram de se mudar por conta da criminalidade. “Há uns seis anos, o bairro era mais animado. Eu tinha muitas conhecidas na rua, mas agora quase todas se mudaram para condomínios fechados por conta dos crimes que aconteceram aqui”, relata.

Ela também diz que, por ser universitário, o bairro deveria ter mais de atenção da polícia. Os alunos da Unaerp têm problemas com essa questão também. Os casos de assédio ao redor da Universidade foram pauta de discussões nas redes sociais, como mostra a reportagem acima.

Ação e reação – Uma das saídas que os moradores encontraram é contratar equipes de segurança de rua. Eles rondam o perímetro, normalmente à noite, e reportam para a polícia caso algu-

ma movimentação estranha aconteça. As casas pagam em torno de 90 reais por mês para o serviço.

Os alunos da Unaerp promoveram um abaixo-assinado que já ultrapassou 1.400 assinaturas. Eles pedem mais iluminação ao redor da universidade.

“Todos sabemos dos problemas de assédio e furto que ocorrem ao redor, principalmente durante o período noturno. Por isso, fizemos um abaixo-assinado pleiteando uma melhor iluminação em frente ao Belluno e também no estacionamento onde funcionava a antiga Telhanorte, além de pedir um melhor policiamento nos horários de maior tráfego de alunos”, explica Vinicius Carrera, um dos idealizadores.

CONFORTO, LAZER E TABACO

ANA CAROLINA J. MARTIN

● O primeiro lounge de narguile de Ribeirão atrai jovens para o bairro Iguatemi

A região dos bairros Iguatemi, Ribeirânia e Nova Ribeirânia é conhecida pela presença de universitários e jovens adultos. Atraídos por isso, os irmãos Fábio e Eduardo Rebello inauguraram em 2015 uma loja especializada em artigos para narguile. Neste ano, eles expandiram o negócio e abriram o primeiro espaço para a apreciação e consumo desse tipo de fumo.

Segundo Fábio, o desenvolvimento do lounge teve vários processos, do projeto de exaustão e ventilação à instalação de uma porta para isolar o lounge da área da tabacaria. A fiscalização pela Vigilância Sanitária é severa e a multa pode chegar a R\$ 2 mil. Caso não se adeque às normas, o estabelecimento pode ser fechado. “Nós fazemos um cadastro com documento de todos os clientes, o que evita a entrada de menores”, diz Fábio sobre a Lei nº 12.546, de 2011, que impede menores de consumir qualquer produto fumígeno, derivado ou não do tabaco.

Com uma média de 100 clientes por dia, o lounge comporta 25 pessoas e é apenas para fumantes. “O lounge é muito legal, pois quem não tem um narguile pode fumar. Tenho alguns

amigos que vieram e gostaram tanto que depois compraram um. Eu tenho e mesmo assim venho fumar aqui às vezes com os amigos ou minha namorada. É mais uma opção de rolê mesmo”, diz o cliente Carlos Eduardo Lippi.

Uma alternativa para aqueles que gostam ou querem provar esse fumo, mas não desejam arcar com o custo que varia de R\$ 200 a mais de R\$ 1000 e com os cuidados que um narguile demanda, a tabacaria oferece sessões a partir de R\$ 20 e fica aberta das 14h à 00h com entrada grátis até às 18h e o custo de R\$ 5 após o horário.

O narguile e seus riscos – Uma espécie de cachimbo de origem oriental, composto por uma base de vidro onde se coloca água, um corpo de metal conhecido como stem e o rosh, peça onde se coloca o tabaco aromatizado, feito com tabaco, melaço e frutas ou aromatizantes. Os aromas variam de frutas, flores, mel, até mesmo Coca-Cola, vinho e doces.

Em 2016, um estudo publicado pela Public Health Reports provou que o uso do narguile expõe uma pessoa a níveis maiores de substâncias tóxicas. São 2,5

vezes mais nicotina do que o cigarro. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a pessoa inala fumaça correspondente a aproximadamente 100 cigarros durante uma hora de uso.

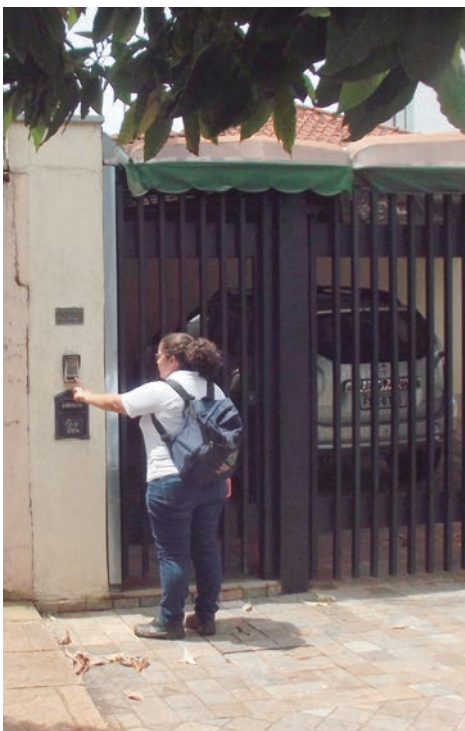
A OMS também adverte que os tabacos usados no narguile apresentam quatro vezes mais nicotina, onze vezes mais monóxido de carbono e cem vezes mais alcatrão do que o cigarro comum.



RIBEIRÂNIA RECUSA SERVIÇO DE SAÚDE

RONI BARUFALDI

● Desconfiança e medo levam moradores a impedir visitas de combate à dengue



De acordo com agentes de combate a endemias, responsáveis pela e fiscalização dos imóveis, realizar o serviço na Ribeirânia é sempre um desafio. “É um bairro que tem muita recusa”, afirma a agente Naiara Soeira. “Muitos dizem que estão sem chave ou que não precisam da vistoria porque cuidam bem do imóvel, mas o que a gente percebe é que os moradores se sentem inseguros em abrir suas casas”, relata.

A estudante Júlia Santos, moradora do bairro há nove anos, diz que realmente tem medo de permitir a entrada dos agentes. “É um bairro perigoso. Recentemente assaltaram a casa do meu vizinho, então eu só abro o portão quando não estou sozinha, o que é muito difícil de acontecer durante o período em que os agentes realizam o serviço.”

Situação semelhante acontece com a dona de casa Debora Souza. “A gente sabe da importância do serviço contra a

dengue, mas meu marido trabalha fora e, quando estou sozinha em casa, não deixo entrarem”.

COMO TER CERTEZA – Naiara diz que é preciso muito jogo de cintura para provar para o morador que o agente realmente é funcionário da Prefeitura, mas existem métodos para isso. “O morador pode verificar o crachá do agente, pedir pela presença de seu supervisor e até mesmo ligar na Divisão de Vigilância Ambiental em Saúde e verificar se o serviço está realmente acontecendo naquela rua e por aquele agente”, diz.

O trabalho de controle de criadouros é realizado diariamente em Ribeirão Preto pelos agentes de combate às endemias e visa eliminar os focos de *Aedes aegypti* dentro dos domicílios e conscientizar os moradores a respeito das ações preventivas.

VIZINHAS RESTAURAM PRAÇA

JOSÉ PIUTTI

● Moradoras do Presidente Médici se uniram para revitalizar local abandonado



Localizada entre o cruzamento das ruas Antonieta Rigobelo Canesin e Dr. Joaquim Estanislau de Gusmão, no Presidente Médici, a praça Júlia Papa Rosa Jamal encontrava-se no estereótipo de praça pública: mato alto, falta de cuidados e sem iluminação. Há cinco meses, no entanto, as grandes árvores ali presentes foram testemunhas do início de uma amizade que mudou por completo o cotidiano da até então praça esquecida.

A aposentada Maria Inês Trujillo, de 65 anos, chegou há pouco tempo em seu novo endereço. Desde a mudança, acorda cedo e vai para a praça varrer as folhas que caíram ao chão durante a noite. “Uma vizinha já me chamou de intrusa; outra, de faxineira da rua. Mas, faço o que faz bem pro meu coração”, conta. Entre varridas, Inês conheceu a cozinheira, também aposentada, Ana Lúcia Guedes de Faria, de 54 anos, que ali mora há seis anos. Encontraram o comum descontentamento com o poder público em relação à praça e, juntas, decidiram reverter a situação.

Mão na massa – O primeiro passo foi acabar com o mato alto. Depois, encheram o canteiro de flores, esquecendo de um problema literalmente minúsculo: formigas. “Elas comeram

// **UMA VIZINHA JÁ ME CHAMOU DE INTRUSA; OUTRA, DE FAXINEIRA DA RUA. MAS, FAÇO O BEM PRO MEU CORAÇÃO.”**
(MARIA INÊS)

nossas flores. Então, pintamos pneus e os enchemos de terra, para usá-los como vasos” relembra Ana. Os pneus reutilizados têm prazo indeterminado para decomposição e, em tempos chuvosos, podem se tornar focos de dengue. Esta, porém, não foi a única maneira para tornar o trabalho mais sustentável. Elas venderam latas de alumínio para arrecadar dinheiro para a reforma e passaram a visitar uma vez ao mês o Ceasa, onde escolhem as flores que dão cor a pracinha.

Sobre as melhorias que a revitalização trouxe para o bairro, Ana disse: “Agora a praça enche de gente. Mães com seus filhos, o pessoal para pra tirar foto”. A movimentação trouxe maior segurança ao local. “O uso de drogas aqui na praça

diminuiu bastante. Antes ficavam por aqui uns dez rapazes, sentados e fumando. Agora, raramente dois ou três aparecem”, relata.

A praça também transformou as moradoras interiormente. Ana conta que há 18 anos foi diagnosticada com depressão, dispersada com o nascimento de seu filho mais novo. Porém, está há dois anos desempregada, o que tornou seus dias ociosos. “Hoje, o marido dela me agradece. Quando cheguei aqui, a depressão dela havia voltado e ela passava o dia todo deitada. A praça melhorou até isso”, relata Inês, também beneficiada pelos trabalhos. “Só trabalhando aqui perdi sete quilos!”

Ainda tem mais – Com os problemas parcialmente resolvidos e uma grande amizade formada, Ana e Inês lutam para conseguir iluminação para a praça. As amigas disseram ainda que, para as festas natalinas, haverá decorações especiais feitas por uma de suas vizinhas, chamada carinhosamente de “japonesa”, que arquiteta árvore de natal de garrafas PET. Girassóis foram plantados para que, até lá, já tenham florescido, assim como a amizade entre as duas, que se apoiam em um objetivo comum: fazer o bem para todos.

CABURÉ, SABIÁ E URUTAU

LÍVIA BENEVIDES

● Habitado por aves, até raras, o Curupira é ponto de observadores e fotógrafos



Há menos de um quilômetro do cruzamento entre algumas das avenidas mais movimentadas de Ribeirão Preto, Júlio observa pássaros. Entre os pés de ipês, angicos e aroeiras são as aves que atraem o olhar de Júlio César Filipino, que frequenta o parque Luiz Roberto Jábali, conhecido também como Curupira, desde 2014, em busca de sossego e inspiração.

O contato com a natureza é o que lhe permite praticar um hobby ainda pouco conhecido no Brasil: o birdwatching. A atividade, que necessita de muita concentração, consiste em observar, fotografar as aves e documentar seus cantos com um gravador. Durante seus cliques no parque, Júlio já fotografou espécies como a Saracura-três-potes, a Lavadeira-mascarada, o Quero-quero, o Sabiá Poca, o Socozinho, e aquelas que ele considera as mais raras que já observou no local, como a Mãe da Lua, também chamada de Urutau, conhecida por seu canto triste e uma penugem-camuflagem que se assemelha a cascas de árvores, e a Caburé, uma espécie de coruja muito pequena que mede cerca de 16 centímetros e é considerada uma das menores corujas do mundo.

Para Júlio, o segredo para a prática do birding e para capturar boas fotografias das aves é a aproximação lenta e silenciosa, além da habilidade de saber reconhecer o canto dos mais diferentes pássaros para, então, perceber a presença deles no ambiente.

Algumas outras espécies são facilmente vistas no parque, como garças, bem-te-vis e pica-paus. Nas lagoas os peixes e tartarugas Tigres D'Água são os habitantes que encantam as crianças que visitam o local diariamente.

DIVERSÃO E RELAXAMENTO – Além de suas trilhas cercadas pela vegetação caracteristicamente tropical, cachoeiras e seus lagos artificiais são atrações para quem busca um pouco de tranquilidade em meio a rotinas de estresse na grande cidade. O parque possui uma praça de eventos, que é palco de apresentações ao ar livre, e tem capacidade para receber até 20 mil pessoas.

Suas pistas de caminhada e corrida, que chegam a 3,5 quilômetros de extensão, tornaram-se caminhos conhecidos para Luiz Sérgio Fioratti, que frequenta o parque pelo menos três vezes por semana desde sua abertura.

Luiz se exercita, respira ar puro, lê e relaxa e encontra no lugar um refúgio em meio ao “caos urbano”. Para ele, o parque já esteve em situação precária, mas atualmente está melhor e com manutenção constante. Ele acredita que o local deve ser valorizado pela localização privilegiada e por ser ponto de encontro de frequentadores de todas as idades.

O parque foi inaugurado em 2000 com uma área de 152 mil metros quadrados na região leste de Ribeirão

Preto, e funciona todos os dias das 6h às 18h. Dispõe de uma academia ao ar livre, banheiros públicos e estacionamento interno para 200 veículos.



Júlio visita o parque desde 2014 para praticar o birding, hobby que surgiu na Inglaterra no Século XVIII e consiste na observação de pássaros. O número de adeptos cresce no mundo todo, inclusive no Brasil, que tem o segundo maior número de diferentes aves do planeta, ultrapassando 1.900 espécies.

DIVERSÃO NA TERCEIRA IDADE

BEATRIZ ROSSI E LUAN PORTO

● Em busca de bem-estar, idosos usam o tempo livre e os espaços nos bairros

De acordo com pesquisas recentes, pouco mais de nove milhões de idosos praticam exercícios físicos no Brasil. Conseqüentemente, eles têm mais disposição, saúde física e mental, o que melhora as condições de socialização e aumenta a expectativa de vida. Em meio ao caos de uma cidade como Ribeirão Preto, é possível encontrar essas alternativas para a terceira idade?

Na Ribeirão, há lugares que proporcionam entretenimento aos mais velhos, como o Espaço de Eventos Santa Teresinha Doutora, na Rua Mariana Cândida Rosa Curi 650, que conta com uma ampla estrutura e promove eventos religiosos e festas tradicionais, como as quermesses, muito frequentadas pelos idosos. Outro espaço conhecido na região é o Clube da Velha Guarda, na Rua André Benedito 410, que organiza bailes a cada quinze dias, com temáticas diferentes como bolero, samba, valsa, e anos sessenta; recentemente, recebeu o cantor Moacyr Franco.

Ofélia Moreira, de 60 anos, frequenta os bailes. “Quando um começa a dançar, todos em volta dançam também. É uma alegria



ver toda essa animação, mesmo na nossa idade”, diz.

Movimento e bem-estar – A Nova Ribeirão, por sua vez, conta com praças que possuem equipamentos para exercício físico ao ar livre, como a da Rua Sargento Sílvio Delmar Hollenbach. É um lugar onde vários idosos se reúnem para se exercitar, jogar, caminhar e interagir. “Quase todos os dias venho até aqui, de manhã e à tarde. Aproveito para trazer minha cachorrinha para passear e

também faço alguns exercícios”, comenta Isabel Sousa, de 62 anos. “O local é bem preservado e seguro. Não sei dizer à noite, mas sempre que venho aqui acabo encontrando outras pessoas aproveitando a calma para fazer exercícios também. Além de fazer bem para a saúde, colocamos as fofocas em dia”, brinca Isabel. Assim, o bem-estar também se relaciona com as práticas de atividades físicas que auxiliam no aproveitamento da chamada “melhor idade”.

EXPERIÊNCIA E RENOVAÇÃO

FÁBIO PALAVERI

● Na Unaerp, o Grupo Renascer transforma a terceira idade

Incentivar, estimular e acreditar. Estes são os três pontos que mantêm vivo, há 23 anos, o Grupo Renascer, na Unaerp. O projeto social foi criado com a intenção de reunir os idosos que moram próximos à universidade para realizar atividades físicas no campus. Durante todos estes anos, mais de 130 alunos já passaram pelo projeto.

Apesar do pessoal da terceira idade ser a maioria, o projeto é aberto para pessoas de todas as idades e funciona de segunda à sexta, das 7 às 8h da manhã. De segunda à quarta, as aulas são realizadas na sala de ginástica e às quintas e sextas elas ocorrem na piscina e na academia da universidade. Com cronograma variado, algumas aulas também acontecem

nas quadras de esportes, no campo de futebol ou em uma caminhada no entorno da Unaerp.

A professora do Grupo Renascer, Laura Vecchi, diz que o resgate de auto-estima é o detalhe que diferencia o projeto. “Não existe ginástica para senil, a não ser o assistencialismo. Eu sempre procuro passar isso: não deixe ninguém atrapalhar seu dia, a menos que você queira”, explica a criadora e responsável pelo grupo.

Mais do que ginástica - A prática de atividade física traz benefícios para a saúde física, mental e disciplinar do ser humano. Regina Aparecida Bisco, uma das alunas, diz que participa das aulas há nove anos e que sente na pele a diferença.

“Melhorou tudo, inclusive a elasticidade. Posso fazer as coisas do dia a dia sozinha, sem ninguém falar que temos mais de 60 anos”.

As atividades contribuem para além do aspecto físico. “Quando você vai chegando na maior idade, você começa a ver muitos limites. Aqui descobrimos que eles não existem para nós. Sem contar a distração, é um grupo muito alegre. Descobri amizades que levarei sempre comigo”, diz Rosa Maria de Almeida, aluna do projeto.

O projeto é aberto à comunidade e gratuito. Para participar os interessados devem comparecer a uma aula do Grupo, pela manhã, e seguir as orientações da professora Laura. Para mais informações, ligue (16) 3603 6736.

GOLEANDO O PRECONCEITO: ESTRELAS DA INCLUSÃO

THALLES GREGÓRIO

● Ribeirão Preto tem jogador convocado para a Seleção Brasileira de Futsal Down



FELIPE GOLEOU EM JOGO DE ESTRÉIA NA SELEÇÃO BRASILEIRA

Felipe Borges de Oliveira, de 26 anos, aluno do Centro de Educação Especial e Ensino Fundamental Egydio Pedreschi, localizado na Ribeirânia, foi convocado para a Seleção Brasileira de Futsal Down. Ele se apresentou no mês de setembro e treina com a Seleção Brasileira para o 2º Campeonato Mundial de Futsal Down, que Ribeirão vai sediar em 2019.

O time de Futsal Down, criado em agosto de 2017, é composto por estudantes que possuem deficiência mental e Síndrome de Down. O grupo conquistou os terceiros lugares na 1ª Copa Brasil de Futsal Down e na Copa Magnus de Futsal Down.

Preso na caixa de sapato – A mãe de Felipe, Alessandra Sousa, conta que logo ao nascer, “os médicos o levaram para uma série de exames. A doutora de genética hesitou em dizer que ele tinha Síndrome de Down. Meu filho nasceu com problemas cardíaco e renal. As pessoas sempre me disseram que ele não seria nada, que eu deveria colocá-lo em uma caixa de sapatos e esquecer.

Mas nunca desisti. A cada lágrima nos tornávamos mais fortes. Felipe entrou no Egydio com apenas três meses de vida para receber a estimulação e a fisioterapia”.

A estimulação precoce é extremamente importante para bebês com Down, porque melhora seu desenvolvimento. Segundo Alessandra, “graças à equipe do Egydio, ele andou aos cinco anos. Sempre acreditei no potencial dele, até que ano passado surgiu o time de futsal Down, e enfim pude ver meu filho mostrar seu talento”.

Atualmente, cerca de 300 mil brasileiros possuem Down. O esporte é uma forma importante de estimulação, visto que melhora a condição cardiovascular, aprimora a agilidade, coordenação motora, disciplina, força e repertório motor. No aspecto social, a prática de esportes proporciona a sociabilização entre pessoas com e sem deficiência, além de levar à independência e melhorar a percepção das pessoas sobre a Síndrome. No aspecto psicológico, a atividade é responsável pelo aumento de autoestima e autoconfiança.

Doando oportunidades – Os alunos interessados em compor as equipes no CEEEF Egydio Pedreschi passam por avaliação física. De acordo com os técnicos das equipes, Demétrius e Matheus Nogueira, “após a seleção dos atletas, eles passam a frequentar oficinas de capacitação e participam das aulas de Educação Física, onde treinam duas vezes por semana”.

O trabalho realizado é voluntário e não tem fins lucrativos. Segundo Luciane Faria, da comissão técnica, “o patrocínio é essencial para compra de materiais de treinamentos e para fornecer o suporte necessário aos alunos nas viagens, uma vez que a maioria é de origem humilde”.

A Escola conta com patrocinadores sazonais e somente um efetivo. E por isso enfrenta dificuldades na manutenção da equipe. “Aos patrocinadores ainda existe a possibilidade de abater o valor da doação no imposto de renda”, afirma Luciane.

A primeira do Brasil – A secretária municipal da Educação de Ribeirão Preto e ex-diretora da Instituição, Luciana Rodrigues, acredita na parceria entre educação e esporte com uma formação integral. “A integração das secretarias municipais de Educação e Esporte ocorreu há um ano para dar autonomia, possibilidade e visibilidade aos alunos dessa instituição de Educação Especial.”

Apesar dos baixos investimentos, a escola ribeirão-pretana foi a primeira instituição do Brasil a possuir uma menina jogando na equipe de Futsal Down, a atleta Mariana Cristina Garcia. Mesmo com a falta de patrocinadores, o esporte adaptado cresce anualmente, e desta maneira um número maior de estudantes tem sua vida melhorada pela inclusão no esporte, desfrutando dos mesmos direitos que uma pessoa sem deficiência.

ONDE OS JOVENS SE DIVERTEM

JÚLIA MAULIM E LUIZA FOSTER

● Zona leste oferece lazer, gastronomia e passeios alternativos

Não por acaso, morar nos bairros Ribeirânia, Nova Ribeirânia e Iguatemi é escolha de muitos jovens. A área, que concentra duas universidades e uma faculdade, é uma região considerada de classe média que procura atender a todos os públicos. Além disso, a localidade oferece diversas opções de lazer que, segundo mapeamento d'O REPÓRTER, chegam a mais de 50 estabelecimentos.

MAIS DE 50 OPÇÕES

15 restaurantes

2 cafeterias

1 shopping

6 bares

3 açáiterias

4 pizzarias

5 sorveterias

5 churrascarias

2 food trucks

8 lanchonetes

1 parque

1 estádio

A universitária Luana Aguiar, de 21 anos, mora com a família no bairro Ribeirânia há 14 anos e afirma economizar com transporte por estar próxima aos bares universitários. “Posso me divertir sem me preocupar. Gasto pouco com Uber, já que moro perto da maioria dos lugares que frequento”. No entanto, a jovem ressalta que faltam locais mais atrativos. “Acho que poderiam ter novos bares que atendam a outros tipos de públicos e estilos”.

Principalmente entre os jovens, a tendência é enjoar muito fácil do que se torna comum. Por isso, os donos de estabelecimentos estão sempre em busca de novidades. Luana já está ansiosa com a reforma do Estádio Santa Cruz, que ganhará unidade do Hard Rock Café.

A comerciante Alexandra de Araújo Lemos abriu um bar na avenida Costábile Romano, em frente a uma das universidades do bairro, com o intuito de atrair e oferecer lazer aos jovens. Sua principal fonte de renda é da população universitária e, portanto, Alexandra trabalha somente durante nove meses no ano. Ela explica que precisa tomar alguns

cuidados com o estabelecimento. “Estabeleci algumas regras: uma delas é o horário para o som, até mesmo para não virar bagunça e não ter problemas com os vizinhos.”

Um dos locais mais famosos para os jovens moradores desta região é o Pico da Unaerp, situado na rua Ângelo Zanelo. Por ser um lugar alto, possibilita visualizar parte da cidade e o pôr do sol mais nítido. Uma boa opção para quem gosta de um lugar tranquilo para ficar com os amigos, tocar violão e apreciar a noite.

Comidas e cachoeiras – Já para quem procura um lugar mais familiar, a opção é a praça da rua Francisco Ricioni com a avenida Presidente Kennedy, onde está instalado um dos food trucks dos bairros. Com um cardápio diversificado, que varia de 13 a 32 reais, pode-se escolher diferentes tipos de pães, carnes, queijos e acompanhamentos.

Para quem busca praticidade, os bairros contam com restaurantes que oferecem marmitas e marmitex. Uma boa alternativa para o cotidiano corrido, já que grande parte dos estabelecimentos disponibiliza serviço de entrega a baixo custo.

Para aqueles que levam uma vida mais saudável, os bairros contam com cerca de cinco academias e dois restaurantes de comidas “fitness”, além do Parque Prefeito Luiz Roberto Jábali, mais conhecido como Curupira, localizado também na avenida Costábile Romano e considerado a maior área de lazer de Ribeirão Preto, segundo a Prefeitura da cidade. Ele oferece um amplo espaço para atividades físicas e esportivas e tem cachoeiras, lagos artificiais, trilhas asfaltadas para uso de bicicletas e uma praça de eventos com capacidade para 20 mil pessoas.

Por fim, a região também conta com um dos shoppings centers da cidade, que, segundo a estudante de Psicologia Letícia Pivetta, de 18 anos, facilita bastante a vida dos jovens, por ter um acesso rápido e pela disponibilidade de bancos, lojas, restaurantes, Poupatempo e serviços burocráticos em um só lugar.



PÔR DO SOL ATRAI JOVENS AO PICO DA UNAERP

VELHA GUARDA: DO TANGO AO FORRÓ

EDUARDA ANTIÓRIO

● Clube de Ribeirão Preto mantém tradição de bailes há 48 anos



FREQUENTADORES EM NOITE DE DANÇA: “UM LUGAR ASSIM, PARA NÓS”

“Sinto como se tivesse 30 anos novamente. Aqui, não tenho hora para ir embora”, diz a aposentada Maria Cecília Teixeira, de 73 anos, toda risonha e orgulhosa de ter voltado a ser vaidosa e amar a vida. Ao voltar a dançar, ela conta se sentir mais viva e alegre. Maria Cecília começou a frequentar o Clube da Velha Guarda em outubro de 2011. Solteira, ali, pertinho de sua casa, encontrou um espaço para se divertir e fazer amigos.

Fundado há 48 anos, o Clube da Velha Guarda de Ribeirão Preto vem acumulando histórias e bons repertórios ao longo dos anos, promovendo a cada quinze dias bailes para casais e solteiros de todas as idades. Para animar essas noites são convidadas bandas de Campinas, São Paulo e região, que podem ser de tango, bolero, samba, forró, MPB entre muitos outros estilos. Os bailes acontecem na sede, na rua André Benedito, 410, na Nova Ribeirânia das 21 à 1h. O local atende em média 230 pessoas e tem estacionamento próprio. Sócios e não sócios podem, com antecedência, reservar mesas para os shows.

História rica – Quando o clube foi fundado no SESC, na rua Tibiriçá, os bailes eram voltados para casais acima de 50 anos. Conforme o tempo passou, procuraram atender todas as faixas etárias e se tornaram uma referência no ramo. “Para conquistar esse mérito, foram muitos anos de

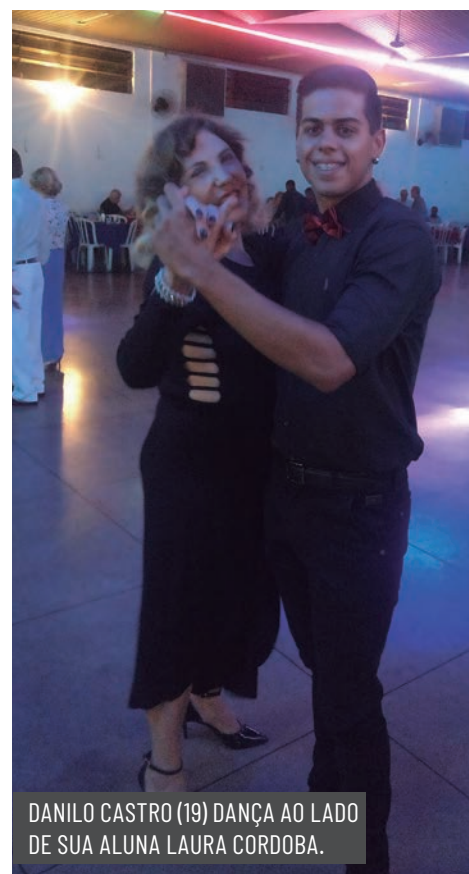
trabalho duro”, afirma o presidente, José Geraldo.

Ao longo de sua história, o Clube conquistou sócios fiéis. Parece até uma certa “magia” que os atrai sempre para os bailes. Prova disso é o senhor Eugênio Moraes dos Santos, de 83 anos, que diz sempre estar ansioso para dar “os passinhos ensaiados” com sua esposa Valéria dos Santos, de 79 anos. “Aqui existe muito respeito, todo mundo é amigo de todo mundo. É um ambiente acolhedor. Em Ribeirão, hoje em dia, é difícil encontrar um lugar assim para nós da terceira idade”, desabafa. Ambos são sócios do Clube desde sua fundação, em 4 de abril de 1970. Eles garantem não perder nenhum baile.

Com tanta motivação, o Velha Guarda não promove apenas bailes que são sua real tradição. Agora também são oferecidas aulas de dança de salão, que acontecem toda segunda-feira, das 20h às 21:30h, em sua ampla pista de dança.

Próprias pernas – O Clube passou por dias difíceis, quase fechando as portas, mas com o trabalho duro da diretoria foi possível reergue-lo. Atualmente, ele é mantido por associados e bailes, contando também com o aluguel do salão para eventos. “Hoje, o Clube caminha com suas próprias pernas, estamos zerados com nossas dívidas. Os sócios pagam apenas a mensalidade”, conclui o presidente.

Para se tornar sócio do Clube da Velha Guarda, basta ter idade igual ou acima de 35 anos e pagar a mensalidade de R\$25 reais. Para quem não é sócio, o ingresso para o baile custa R\$ 30 reais. A secretaria do Clube atende de segunda a sábado, das 13 às 17h e das 8 às 12h. O telefone para contato é (16) 3624-1667.



DANILO CASTRO (19) DANÇA AO LADO DE SUA ALUNA LAURA CORDOBA.

BOTAFOGO-SP MOVIMENTA RIBEIRÃO

PAULA VIANA

Desde a inauguração do Estádio Santa Cruz, na Ribeirânia, no dia 21 de janeiro de 1964, o tricolor ribeirão-pretano vem levantando vários canecos no “Santão”. Após a goleada de 6x2 em cima da Romênia, na partida de estreia do estádio, o Botafogo dominou não só a cidade, mas 68% dos torcedores da região.

Luan Vinicius Porto é um dos moradores recentes do bairro e conta que é gratificante acompanhar um time tão tradicional do quintal de casa. Para ele, a proximidade com o time que torce, o contato direto com os jogadores, comissão técnica e outros colaboradores aproximam os torcedores do clube, alimentando o futebol do interior.

Para Luis Gustavo Ferrasini, torcedor tricolor de Ribeirão, a sede do Botafogo na Ribeirânia apresenta vantagens imensas. O jovem de 24 anos, diz que desde criança, acompanha o time da casa. “Eu sempre vi o Botafogo como um clube cheio de história. Meu pai me levava ao estádio e mesmo sem ainda entender muito bem o que estava acontecendo, o carinho especial pelo clube foi se firmando.”

● Botafogo FC completa 100 anos de fundação e 54 de sede na Ribeirânea

Proximidade – Sobre os privilégios de torcer para um time do próprio bairro, Luis Gustavo completa: “Um dos benefícios é que não preciso me preocupar com estacionamento. A vantagem principal que é sentir a atmosfera do jogo desde a saída de casa, caminhando junto com outros torcedores e com mesmo objetivo: apoiar o Fogão.”

Além dessas vantagens, o torcedor destaca a importância histórica que o estádio trouxe à região. O Santa Cruz chegou a ter recorde de público duas vezes. Em 1993, quando recebeu cerca de 50 mil torcedores para a partida da Seleção Brasileira contra a Polônia

e em 2001, quando sediou Botafogo-SP X Corinthians pela final do Campeonato Paulista e registrou mais de 55 mil torcedores.

O centenário – Segundo Renato Vaz, diretor de marketing do Botafogo, a expectativa é encerrar o ano com um balanço positivo, alcançado pelo centenário. Apesar do clube não visar lucro, o ano comemorativo movimentou o estádio, a cidade e a região, além de promover a confraternização entre atletas e torcedores, aumentando a visibilidade da equipe na imprensa nacional.



LUTA, CULTURA E GINGA

VINÍCIUS BIS

A população vizinha da Unaerp que gosta de capoeira pode praticar essa arte gratuitamente no campus da Universidade. O projeto social Escola de Capoeira da Unaerp existe desde 1995 e é aberto à comunidade. Com 23 anos de história, atende atualmente cerca de 40 alunos, entre crianças, adolescentes e adultos.

● Projeto social ensina bases da capoeira para a comunidade há mais de 20 anos

O professor do projeto, desde o início, é o mestre Adriano Pedro, de 53 anos, conhecido nas rodas como “Pai de Santo”, da Associação Capoeira Angola e Regional Ubanto. O mestre conta que o projeto foi criado pelo então coordenador do curso de Educação Física, Peterson Antunes de Campos, para estabelecer um vínculo

entre a Universidade e a comunidade.

O mestre Pedro diz que capoeira é uma defesa pessoal com muita expressão corporal e que, conseqüentemente, gera muitos benefícios à saúde. Mas ainda há preconceito e desconhecimento, segundo ele. “A prática não é agressiva ou violenta. As pessoas deveriam dar uma chance”, diz.



Roda e conhecimento - As aulas na Unaerp acontecem duas vezes por semana e ensinam instrumentos básicos e canto, além de história da capoeira, seus principais mestres e surgimento.

A capoeira, de forma geral, é uma expressão cultural muito forte no Brasil e reúne componentes da arte marcial, esporte, cultura popular, dança e música.

Para obter informações, ligue (16) 3603-6736